

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

EDITORIAL

Tenho alegria de apresentar-lhes o número 33 da revista ArteFilosofia. Adotando o já consolidado modelo *rolling pass*, recebemos artigos, traduções e resenhas ao longo do ano, voltadas para estética, filosofia da arte, e artes. É oportuno, levando em conta essas áreas, mencionar duas datas comemorativas relativamente obscuras, porém recentes e de grande importância na tradição filosófica da estética, especialmente a estética idealista. Em 2021, as *Preleções de Erlangen* do filósofo alemão Friedrich W. J. Schelling (1775-1854) fizeram 200 anos. Essa obra marca uma profunda mudança de rumos em sua obra, inclusive o abandono gradativo da famosa intuição intelectual em detrimento de um novo conceito, o de “êxtase da razão”. Outra importante noção presente neste escrito é o “abandonar-se” necessário ao fazer filosófico: filosofar é estar pronto a perder, a abandonar o solo seguro.

Em 2022, por sua vez, tivemos a comemoração dos 250 anos de Friedrich von Hardenberg, vulgo Novalis (1772-1801), um filósofo bem “mineiro”, por assim dizer, dado seu trabalho com inspeção de minas de sal e de bronze em Leipzig e Weissenfels. Há escritos de seu espólio, inclusive, que detalham minuciosamente esses trabalhos. Inspetor de minas de dia; poeta, filósofo e místico de noite. Sua investigação do mundo natural se dá em registros diversos: no ofício de trabalhador, na especulação filosófica (via filosofia da natureza nos moldes de Schelling, embora com sua originalidade própria) e na veia poética, chegando o poeta-inspetor-filósofo a pensar a natureza, em seu nível mais elevado, como um conjunto de hieróglifos, que só podem ser lidos por aqueles aprendizes abertos aos mistérios da deusa Ísis.

Esses dois ícones do romantismo e do idealismo alemão nos mostram, com seu legado bicentenário, como razão e abertura ao místico não se excluem, mas se complementam – seja o místico pensado como irracional ou, de modo mais interessante, como transracional, suprarracional. Grandes questionadores da subjetividade moderna, Novalis e

Schelling gostavam de perguntar: “de quem é a razão?” “Ela pertence a alguém, ou somos nós que pertencemos a ela?” De um lado, a ideia de que a razão é algo mais abrangente que nós, individualmente, é uma concepção extremamente bem-vinda em tempos nos quais só queremos uma razão individual, subjetiva, idiossincrática, e tentamos forçar diversas razões ao próximo, sem considerar sua história e valores. A razão é a própria estrutura do universo e conseguimos usá-la por sermos parte dele: essa é a concepção idealista objetiva, bem similar ao que viria a ser o sistema hegeliano.

De outro lado, se optarmos por ler Schelling e Novalis como irracionalistas, o que também encontra respaldo em seus escritos e em suas fontes – teosofia, tarô, alquimia, magia, hermetismo – há um ganho enorme: reconhecermos a irracionalidade como parte do ser humano e da própria realidade, a “sombra” da razão, com a qual ela deve se reconciliar. Tentar expurgar o irracional pode ser arriscado, pois com isso se perde parte do que nos faz humanos. Nossa época mostra, no registro político e sociocultural, como a irracionalidade e as paixões desempenham papel central nas escolhas e atitudes humanas, sendo possível aprendermos muito com nossos aspectos menos racionais, ou mesmo irracionais.

Temos, portanto, um pensamento tão fecundo em Novalis e em Schelling, que conseguimos defender leituras mais distintas: pensadores da razão, pensadores do suprarracional, ou ainda, do irracionalismo. Sem apego a posições definitivas, a beleza de suas reflexões está nessa capacidade de posições filosóficas plurais. E periódicos filosóficos também buscam, a seu modo, refletir as posições filosóficas mais diversas dentro de comunidades acadêmicas nacionais e internacionais. Não se trata, portanto, de um número sobre Schelling e/ou Novalis, mas o público na esperança de que o espírito aberto e criativo destes pensadores esteja presente neste e em outros números da revista.

Na esperança de um ótimo trabalho conjunto e com posturas diversas, damos boas-vindas às novas integrantes e aos novos integrantes: Dra. Luciana Molina Queiroz, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil; Dr. Fabiano Leite França, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil; Dr. Diogo César Porto da Silva, UFRJ, Brasil; e Dra. Juliana Seroa da Motta Lugão – residente Pós-doutoral UFRJ (PPGCL)/bolsista FAPERJ. Devo gratidão enorme a Ricardo Nachmanowicz (CEFET-MG), que me apoiou em vários contextos diferentes na vida acadêmica e contribuiu bastante em seus anos na gestão da ArteFilosofia.

A arte da capa nos mostra uma situação de uma cidade vizinha, Belo Horizonte, e um local famoso da cidade, enfatizando a travessia, a passagem e a mudança de rumo, refletindo este novo momento da revista. Seja pelo túnel da razão, seja pelo bosque da irracionalidade, buscaremos uma compreensão mais ampla do mundo artístico e do papel da arte e do fazer filosófico para o ser humano.

Agradecemos a todos e a todas que colaboram conosco – seja lendo, submetendo artigos, divulgando nosso trabalho. Agradecemos imensamente a Patrícia Mara Silva pela bela arte da capa, a fotografia “Situação I”. Não se esqueçam de nos acompanhar pelo Instagram: <https://www.instagram.com/revistaartefilosofia/?hl=en> e pelo Twitter: [@revistaartefilo](https://twitter.com/revistaartefilo) (@revistaartefilo). Que tenhamos um ano de ânimo revigorado, porém sem otimismo ingênuo ou crença em saídas fáceis.

Cordialmente,

Gabriel Assumpção

Bolsista PDJ do CNPq – Processo # 162879/2020-2. Instituição de Execução:
Universidade Federal de Ouro Preto.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0079-4379>